

Reunião preparatória em 27 Maio 2011 – 15h, Sala A1.3

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA A3ES (perguntas)	RESPOSTAS DA ULHT MUSEOLOGIA
Qual é o quadrante cultural a que pertence a formação em museologia da ULHT?	<p>O quadrante cultural a que pertence a formação em museologia da ULHT é o das Ciências Sociais, de acordo com a classificação das áreas de conhecimento FOS 2007/(OCDE) utilizada pela FCT (ver documento da classificação FOS 2007/OCDE/FCT).</p> <p>O que singulariza e diferencia a formação em museologia na ULHT é qualificar os discentes para saberem «gerir a relação do património (objectos) com a sociedade/comunidade/públicos/visitantes/serviços educativos independentemente do tipo de museu e dos diferentes contextos sociais e culturais onde o património está inserido» pois o valor e o benefício do património só existem através da gestão competente dessa relação, e com a respectiva interpretação e significado que a comunidade lhe dá (ver documentos, fontes e bibliografia apresentados na Reunião de Avaliação que demonstram esta evidência).</p> <p><i>“A museologia define-se como um meio de intervenção social e de comunicação, ao serviço do desenvolvimento das comunidades que serve, não se limitando às tarefas tradicionais em que tantas vezes é colocada, e reduzem o Museu à simples condição de armazém de objectos” (ULHT, 2008).</i> Este objectivo de ‘transformação’ do indivíduo, do território e da sociedade alterou profundamente o paradigma conservacionista de «guardar, estudar e contemplar» baseado excessivamente no ‘objecto’ e não na relação do objecto/património com a comunidade/públicos/visitantes.</p> <p><i>“La muséologie... discipline émergente se situe à l’intersection de différents domaines des Sciences Sociales.” (Gob, A. & Drouguet, N., 2006)</i></p> <p>Ou como referiu Jean-Pierre Mohen, ex-Conservador Geral do Património de França, ex-director do Laboratório Científico dos Museus de França sediado no Louvre, na obra “As Ciências do Património”, “(...) o objecto não possui realidade senão através do ser humano que o exprime e interpreta em função de uma Cultura, ou de modo mais preciso, através de um indivíduo concreto sem o qual a mensagem jamais existirá.” (Mohen, 1999, p.139).</p> <p><i>“The first is a call to understand the meanings of museum objects as situated and contextual rather inherent.” (Sharon Macdonald, “Expanding Museum Studies” in A Companion to Museum Studies, 2006, p.2).</i></p> <p><i>“The ‘Declaration of Quebec’ (1984) goes some way towards defining the emerging role of new</i></p>

museology. The most telling sentence reads: «While preserving the material achievements of the past civilizations and protecting the achievements characteristic of the aspirations and technology of today, the new museology – ecomuseology, community museology and all other forms of active museology – is primarily concerned with community development, reflecting the driving forces in social progress and associating them in its plans for the future.»

“Three principles are especially important:

1) They allow for public participation from all stakeholders and interest groups in all the decision-making processes and activities in a democratic manner;

2) They stimulate joint ownership and management with inputs from local communities, academic advisers, local businesses, local authorities and government structures;

3) They place an emphasis on process of heritage management rather than on heritage products for consumption.”

(Peter Davis, 2010/11/10 – 10:56)

“Marxismo, estruturalismo, posculturalismo, estudos culturais, femininismo, teoria das classes sociais e conceitos tais como ‘capital cultural’, juntamente com a sistematização de métodos de pesquisa próprios, estão entre as perspectivas e práticas admitidas para a interpretação do ‘museu’. Metafórica e literalmente, o ‘museu’ tornou-se um campo interdisciplinar onde ocorrem trocas acerca da realidade social do mundo.” (Gordon Fyfe, 2006)

A ULHT, baseada nestes contributos e nos desenvolvimentos actuais da investigação a nível internacional, expressos no Comité Internacional para a Museologia do Conselho Internacional de Museus (ICOFOM/ICOM/UNESCO), considera a museologia um ramo autónomo e independente (quer a nível do ‘saber’, do ‘fazer’ e do ‘saber-fazer’) das várias disciplinas académicas (arte, história, arqueologia, antropologia, sociologia, arquitectura, e outras). Uma autonomia que se iniciou gradualmente a partir a obra de C.F. Neikelius, “*Museographia*” publicada em 1727, e que percorreu até à actualidade as cinco etapas que Pedro Manuel-Cardoso resumiu em 2010 (ver trabalho publicado para a Conferência Geral do ICOM realizada em Xangai 2010). Uma autonomia confirmada pelas referências bibliográficas e pelos actuais trabalhos de investigação mais prestigiados a nível internacional.

É essa a consistência e a coerência formativa que distingue a formação ministrada na ULHT. A qual, sendo inequivocamente pioneira em Portugal (como se pode comprovar empiricamente), encontra na actualidade a nível internacional a validação das mais prestigiadas instituições científicas e profissionais na área da museologia e património. Sendo apontada pelas instituições e pelos documentos-de-referência internacionais (ICOM, UNESCO, UE) como o caminho do presente e do futuro na formação dos recursos humanos na área da museologia e património (ver

	documentos, fontes e bibliografia apresentados na Reunião de Avaliação que demonstram esta evidência).
Até que ponto a pertença a esse quadrante cultural determina a posição em relação aos processos de qualidade?	<p>A pertença às Ciências Sociais (ver Deliberação da ULHT a integrar a museologia na Faculdade de Ciências Sociais) determina total e completamente os processos de qualidade implementados, cujos resultados só podem ser validados e avaliados no interior desse contexto científico e metodológico no qual a aposta formativa e a especificidade da formação foi colocada. Sendo por isso necessários para a garantia de uma avaliação externa e independente especialistas e avaliadores possuidores desse conhecimento científico específico, e pertencentes a instituições internacionais preferencialmente do ICOM, UNESCO ou de museus com trabalho de excelência nesta área.</p> <p>A análise comparada da oferta formativa existente em Portugal permite verificar que a especificidade dos cursos da ULHT veio preencher uma lacuna reclamada pelos empregadores, pelos responsáveis pelo património e pelos profissionais dos museus. A comprová-lo está o desenvolvimento exponencial dos projectos de extensão cultural e serviço educativo hoje presentes em quase todos os museus de Portugal e que ocorreram em Portugal a partir da influência desse magistério, e da divulgação dos princípios da Nova Museologia a partir dos anos '1990' (Declaração de Santiago do Chile 1972 UNESCO/ICOM, de Caracas 1992 UNESCO/ICOM, e de Quebeque 1984, MINOM/COM).</p>
Compreensão, e eventual racionalidade, da escolha dos estudantes por esta via formativa e por esta qualificação.	<p>Os estudantes procuram competências e qualificações que lhes permitam gerir a relação do património como a sociedade/comunidade/públicos/visitantes/serviços educativos independentemente do tipo de museu e dos diferentes contextos sociais e culturais onde o património está inserido. Ou seja, procuram: i) serem polivalentes, ii) desenvolverem espírito crítico, iii) serem capazes de resolver diferentes problemas que a interpretação do património coloca em diferentes contextos sociais e culturais, iv) serem capazes de trabalhar em equipas e museus com culturas institucionais diversas, v) serem capazes de integrarem diferentes conhecimentos sobre o património.</p> <p>Os estudantes que escolhem esta via que a ULHT lhes oferece procuram uma qualificação diferente de uma Museologia cujo trabalho assenta na Conservação e Restauo, ou se baseia exclusivamente num trabalho de reflexão estética, filosófica ou histórica sobre os museus e os objectos patrimoniais.</p> <p>Os estudantes procuram uma qualificação que lhes permita gerir e resolver «a relação do património/museus com as diferentes sociedades/comunidades/públicos/visitantes/serviços educativos».</p>

	<p>“Perante um <i>objecto patrimonial</i> é difícil encontrar uma resposta plena para as perguntas: «Estou a ver o quê? Como, dentro de mim, e por que parte de mim, estou a vê-lo? O que é que sempre vi do que estou a ver, e o que poderei ainda não ter visto? O que é que esse <i>ver</i> não me deixou ver? Qual é a responsabilidade na comunicação que se faz dele à comunidade?». Porque onde alguém vê no objecto a prova de uma vitória militar, outra pessoa vê no mesmo objecto um acto criminoso de colonialismo; onde alguém vê no objecto o lado positivo outra pessoa vê o lado negativo. O objecto é simultaneamente o verso e o anverso, a afirmação e a negação, a lembrança de algo e o esquecimento de outra parte, e assim sucessivamente. O carácter polissémico e indecível do Património, e a necessidade desse problema ser constantemente resolvido nos actos comunicativos que são as expografias, constituíram o ponto de partida deste trabalho e o desafio colocado à Cultura. Em suma, o problema de um <i>objecto patrimonial</i> assumir vários significados, e de estar sempre para além da evidência empírica e do positivismo do contexto onde está inserido. Este problema de partida entronca num debate muito antigo para o qual recentemente Junqua & Lacouture contribuíram a propósito do património dos gestos, ao afirmarem que “<i>O erro do empirismo é crer que os factos constatados contêm já a explicação do fenómeno. Exactamente ao contrário, é necessário encontrá-la.</i>” (Junqua & Lacouture, 2001, p.9). Antes, Karl Popper tinha afirmado que “<i>a raiz desse problema está na aparente contradição entre o que pode ser chamado de «tese fundamental do empirismo» — tese segundo a qual só a experiência pode decidir acerca da verdade ou falsidade de um enunciado científico — e o facto de Hume se ter dado conta da inadmissibilidade de argumentos indutivos.</i>” (Popper, 1985, p.44). E Fernando Gil acrescentaria ao debate a afirmação de que “<i>Experiência e Juízo partem do mesmo ponto. A experiência é «evidência dos objectos individuais» e a evidência dos objectos individuais constitui «o conceito de experiência no sentido mais lato». (...) Evidência do objecto individual e Experiência definem-se uma pela outra. (...) a concreção do individual exprime-se por um poder de fascinação por onde passa a função de apresentação: eis o segredo da operação da evidência.</i>” (Fernando Gil, 1986, pp. 253/254). (in Pedro Manuel-Cardoso, 2011, pág. 5)</p>
<p>Metodologia científica em que se baseia a formação em museologia da ULHT.</p>	<p>Algumas das referências bibliográficas básicas na formação científica e metodológica da ULHT Museologia:</p> <p>Booth, W. & Colomb, G. & Williams, J.M. (2008). <i>The Craft of Research</i>. (third edition). Chicago & London: The University of Chicago Press.</p> <p>Castells, M. (1984). <i>Problemas de Investigação em Sociologia Urbana</i>. (3.^a edição). Lisboa: Editorial Presença.</p> <p>Ellen, R. F. (1992). <i>Ethnographic research, a guide to general conduct</i>. Association of Social Anthropologists, New York: Academic Press.</p> <p>Gob, A. & Drouguet, N. (2010). <i>La muséologie: histoire,</i></p>

	<p>développements, enjeux actuels (3^e édition). Paris: Armand Colin.</p> <p>Hengl, T. & Gould, M. (2002). <i>Rules of Thumb for Writing Research Articles</i>. In "Scientific Writing Course for PhD Students". Netherlands.</p> <p>Lakatos, I. (1986). <i>Falsification and the methodology of scientific research Programmes</i>. In Imre Lakatos & Musgrave (ed.), "Criticism and the Growth of Knowledge", Cambridge: Cambridge University Press.</p> <p>Macdonald, S. (2006). <i>A Companion to Museum Studies</i>. (Sharon Macdonald coord.), Malden: Blackwell.</p> <p>Manuel-Cardoso, P. (2011). <i>A Cultura perante o Património</i>. Lisboa: IGAC.</p> <p>Mark, R. (1996). <i>Research made simple</i>, London, Thousand Oaks (USA), London, New Delhi: SAGE Publications.</p> <p>Marshall, C. & Rossman, G. (1999). <i>Designing Qualitative Research</i>. (3rd Edition), Thousand Oaks (USA). London, New Delhi: SAGE Publications.</p> <p>Marstine, J. (2006). <i>New Museum Theory and Practice</i>. (Janet Marstine, ed.). Malden: Blackwell.</p> <p>Mohen, J.-P. (1999). <i>Les Sciences du Patrimoine</i>. Paris: Odile Jacob.</p> <p>Piaget, J. & Chomsky, N. (1987). "Teorias da Linguagem, Teorias da Aprendizagem". col. O Saber da Filosofia, n.º 20. Porto: Edições 70.</p> <p>Popper, K. (1998). <i>A Lógica da Pesquisa Científica</i>. São Paulo: Cultrix.</p> <p>Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). <i>Manual de Investigação em Ciências Sociais</i>. Col. Trajectos, Lisboa: Gradiva.</p> <p>Ricoeur, P. (1988). <i>Indivíduo e identidade pessoal</i>. In Veyne, P. & Vernant, J.-P. & Dumont, L. e tal. "Indivíduo e Poder, col. Perspectivas do homem. Lisboa: Edições 70.</p> <p>Silva, A.S. & Pinto, J.M. (1990). <i>Metodologia das Ciências Sociais</i>. (4.^a edição). Porto: Edições Afrontamento.</p> <p>Weinberg, A. (1998, février). <i>Six démarches en sciences humaines</i>. In "Sciences Humaines", n.º 80, Auxerre.</p>
<p>Exemplos de trabalhos dos graduados que comprovem a adopção dessa metodologia em Ciências Sociais.</p>	<p>Trabalhos e testemunhos presenciais dos graduados na Reunião de Avaliação.</p>
<p>Adopção de critérios de qualidade e consistência das decisões tomadas pela ULHT</p>	<p>Apresentar os Documentos e Regulamentos existentes.</p>

<p>Aplicação consistente dos critérios antecipadamente tomados/decididos</p>	<p>Mostrar que esses Documentos e Regulamentos de qualidade foram aplicados.</p>
<p>INDICADORES DE DESEMPENHO adoptados pela A3ES:</p> <p>1-RELEVÂNCIA. 2-AMBIGUIDADE. 3-MANIPULABILIDADE. 4-CUSTO DA RECOLHA DE DADOS. 5-NÍVEL DE AGREGAÇÃO. 6-RELAÇÃO COM OUTROS INDICADORES.</p>	
<p>CRITÉRIOS GERAIS da Avaliação adoptados pela A3ES:</p> <p>1- Um excelente nível de qualificação do corpo docente.</p> <p>2- Uma prática de investigação avaliada internacionalmente com pelo menos a classificação de <i>Muito Bom</i>.</p> <p>3- Existência de um sistema interno de garantia de qualidade certificado pela A3ES.</p>	<p>1- Na área do “quadrante cultural” a que pertence a formação em museologia da ULHT que é o das Ciências Sociais, de acordo com a classificação das áreas de conhecimento FOS 2007/(OCDE) utilizada pela FCT.</p> <p>2- (pedir declarações às Universidades com quem a ULHT tem programas e parcerias)</p> <p>3- Desde que cumpridos os requisitos de independência e de consonância dos avaliadores (peritos e especialistas) com o “quadrante cultural” a que pertence a formação em museologia da ULHT que é o das Ciências Sociais.</p>
<p>Bibliografia Básica adequada ao quadrante cultural e à especificidade da formação da ULHT Museologia</p>	<p>UNESCO (2008). <i>Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention</i>. WHC. 08/01, January 2008. Paris: UNESCO/WHC.</p> <p>Lista de Bibliografia Seleccionada UNESCO (2008). <i>Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention</i>, páginas 153-157.</p> <p>ICOM/ICTOP (2008). <i>Referencial Europeu das Profissões Museais</i>. (Dir. Angelika Ruke). Paris: UNESCO.</p> <p>CSES. (2010). <i>Study on the Contribution of Culture to Local and Regional Development – Evidence from the Structural Funds</i>. Centre for Strategy & Evaluation Services. London: CSES.</p> <p>Lista Bibliográfica Básica da Unidade Funcional de Museologia da ULHT. (2010). Lisboa: ULHT.</p>